



ULBRA
CAMPUS TORRES

ISSN 1678-1740

**<http://ulbratorres.com.br/revista/>
Torres, Vol. I - Novembro, 2016**

Submetido em: Jul/Ago/Set, 2016

Aceito em: Out/2016

PERCEPÇÕES SOBRE AFETIVIDADE NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOB A ÓTICA DA PSICOPEDAGOGIA

Fernanda de Castro¹

Rosane Cardoso Pereira²

Resumo

Este trabalho discorre sobre afetividade no contexto da educação nas séries iniciais do ensino fundamental. A tarefa de todo educador é a formação de educandos felizes e equilibrados. Nossa proposta enquanto profissional da educação é a reflexão sobre a importância do papel do educador para possibilitar ao aluno um desenvolvimento afetivo sadio, que leve a construção de uma personalidade autônoma, atuante como sujeito de si mesmo, na construção de sua identidade, valores, controle da impulsividade e a linguagem. Os vínculos familiares é o principal processo educacional e é a base do desenvolvimento social. Nesse sentido, a psicopedagogia tem como prioridade o sujeito que aprende, é a inter-relação entre o sujeito desejante e o sujeito aprendente que constrói sua aprendizagem e reconhece na afetividade sua subjetividade. Essas dificuldades de aprendizagem tem a princípio uma motivação de ordem afetiva que nos direciona a mediação dos afetos nos processos de aprendizagem.

Palavras- chaves: Séries iniciais. Afetividade. Psicopedagogia.

Introdução

Quando nos referimos á afetividade lembramo-nos do ato carinhoso de trocas de afeto entre a relação parental, o ambiente escolar e o social. Alguns educadores enfatizam que a afetividade está presente nas interrelações pessoais dos educandos, influenciando no aspecto emocional e cognitivo, com influências no comportamento, ressaltando na aprendizagem. Segundo La Tayle (1992, p 85), “a

dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento.” Dessa forma, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável em todos os aspectos – cognitivo, biológico, cognitivo e sócio-afetivo – é necessário que ela se sinta segura e acolhida.

Assim, educar pode significar a construção da realidade intelecto-emocional quanto á transformação de uma realidade. Educação e afeto são duas coisas

1 Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Professora da Educação Infantil Escola de Educação São Domingos - . fernandasaodomingos77@gmail.com (51) 3626 2000.

2 Pedagoga, Orientadora Educacional, Mestre em Educação, Professora e Coordenadora do Curso de Pedagogia da ULBRA Torres RS rosane.pereira@ulbra.br (51) 9973 8555. <http://lattes.cnpq.br/0197722376393764>

inseparáveis. Afeto verdadeiro significa estabelecer amor e limites ao mesmo tempo. Nesse sentido, Chalita (2004, p. 11) coloca:

A relação mestre-discípulo da Grécia Antiga. O respeito à história de cada educando. A cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender. A troca continuada de experiências, de sonhos, de ideias e de amor. O amor é capaz de querer quebrar paradigmas, barreiras e ranços. É o amor que nos envolve que nos move.

Dentro dessa perspectiva a afetividade deve estar presente em todo o ato familiar e educacional. Assim, este trabalho tem o objetivo proporcionar reflexões que despertem nos profissionais da educação a compreensão de que o educando necessita de um olhar acolhedor e humanizado, principalmente os que estão no início da escolarização. Com isso, ressaltaremos a relação afetiva entre professor e aluno, nas séries iniciais do ensino fundamental, considerando a importância do trabalho do psicopedagogo na construção da aprendizagem. Nesse sentido a psicopedagogia nos convida a repensar nos vínculos que se estabelece na instituição família e escola na intenção de tentar sensibilizar os profissionais da educação a superação dos desafios que impedem de adotar uma pedagogia com afeto. Diante do trabalho e para o esclarecimento referente à importância da afetividade na construção da aprendizagem, voltada com um olhar na psicopedagogia, são apresentados, no decorrer deste, os conceitos da afetividade e sua importância na construção do sujeito sob a perspectiva de vários autores, a vivência da afetividade no meio familiar e escolar, a importância dessa relação no desenvolvimento da autoestima, a relação do afeto no ambiente escolar destacando importância do psicopedagogo na construção deste sentimento.

No contexto da revisão bibliográfica disponível sobre Afetividade nas séries iniciais do ensino fundamental: uma olhar da psicopedagogia, cabe-nos assinalar aqui o que os autores vêm refletindo em torno do assunto.

Afetividade

A maioria dos autores conceitua a afetividade colocando-a ao nível dos fenômenos mentais, dos sentimentos e emoções que influenciam os comportamentos humanos de forma positiva ou negativa, dependendo dos estímulos

externos e internos e a capacidade de cada ser humano de responder ou reagir perante o acontecimento. No dicionário, o verbete afetividade está definido da seguinte forma: A afetividade é “o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.” (FERREIRA, 1984, p.11)

Para a psicanálise, afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos ou acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado, alegria ou tristeza. Segundo Freud, (1976, p. 27) toda pulsação se exprime através do afeto e da representação.

Grandes pensadores afirmam que a afetividade exerce um papel fundamental nas correlações aos problemas de origem psíquica, além de influenciar, decisivamente, a percepção, a memória, o pensamento, vontade e ação, e na harmonia e o equilíbrio da personalidade humana.

A afetividade é construção cultural, que se dá na convivência, sem interesses materiais, que apenas secundariamente emergem quando ela se extingue. Revela-se em ambiente de solidariedade e responsabilidade. Como todo princípio, ostenta fraca densidade semântica, que se determina pela mediação concretizadora do intérprete, ante cada situação real. Pode ser assim traduzido: onde houver uma relação ou comunidade unidas por laços de afetividade, sendo estes suas causas originária e final, haverá família. A afetividade é necessariamente presumida nas relações entre pais e filhos, ainda que na realidade da vida seja malferida, porque esse tipo de parentesco jamais se extingue. Assim, a escola e a família dividem funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social.

Portanto, a escola deve priorizar em seu currículo a afetividade, para assim, ser compreendida e aplicada como potencial transformador para um aprendizado saudável dos educandos, no processo do desenvolvimento do conhecimento. Os

educadores necessitam estudar e envolver-se em atividades que promovam reflexão nos aspectos do desenvolvimento cognitivo, dando espaço também para um trabalho que possibilite a compreensão do aspecto afetivo, tendo o professor como mediador deste processo que vivência a emoção em sala de aula, no decorrer de sua ação pedagógica, Almeida (2004, p. 13) declara que a ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos irremediáveis a ação pedagógica:

Para realizar uma ação educativa eficaz, a escola não deve se considerar alheia aos conhecimentos que favoreçam o desabrochar da pessoa. Pelo contrário, deve-se considerar atenta a todos os aspectos relacionados com a atividade de conhecimento, para realmente se constituir num meio propício para o desenvolvimento mental e pessoal da criança. (ALMEIDA 2004, p.13).

Com isso a escola, esse novo ambiente fora do vínculo familiar o qual a criança será inserida possibilita interações diversas entre parceiros, ao mesmo tempo em que proporciona situações e experiências propícias para a construção do indivíduo como pessoa. O ambiente pedagógico tem de ser, entre outros, um lugar de encanto e criatividade. Motivar a criança para que o processo de aprendizagem e de socialização aconteça da forma mais prazerosa possível e, por conseguinte, manifestar afeto entre educador e educando inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, se interessar e se envolver, de fato, com a criança e ser sensível a seus sentimentos e às suas necessidades. Portanto, o vínculo que a criança estabelece com as pessoas que interagem com ela de maneira privilegiada é um dos aspectos mais relevantes do seu desenvolvimento social. A relação com o outro é muito importante para que o desenvolvimento da criança ocorra adequadamente.

Dentro deste contexto, a educação significativa deve considerar todas as vivências da criança, pois ela não acontece de maneira formal. Todo aprendizado é um somatório de conhecimentos e experiências que se processam no meio familiar, considerando a história de cada um.

A Importância da Família no Desenvolvimento da Autoestima

A família é considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem estar da criança. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades. (KREPPNER, 2000, p. 11). Ela tem, portanto, um impacto significativo e uma forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais. A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

O tipo de relação entre pais e filhos não depende somente da sensibilidade materna, mas também da sensibilidade da conduta no contexto desta relação. O vínculo emocional que os pais estabelecem com seus filhos serve como modelo para seus relacionamentos futuros, seja no convívio familiar, escolar e social.

Crianças com afetividade demonstram maior capacidade para compreender as suas próprias emoções, apresentam conduta amigável e maior disposição em expressar seus desejos, sentimentos, frustrações que surgem nas relações sociais.

A personalidade de cada indivíduo se desenvolve sofrendo influências genéticas e ambientais, o que torna toda pessoa diferente. A formação da personalidade da criança se dá pelo exemplo e pelas orientações daqueles que o educam. A família, além de ser o principal alicerce do processo educacional, é também a base do desenvolvimento social.

O amor responsável é o complemento imprescindível ao amor afetivo. É o amor demonstrado pela atenção, cuidado, preocupação, segurança, imposição de regras e limites. As crianças precisam sentir-se orientadas e protegidas, para evitar que surja o sentimento de abandono e desprezo por parte de seus pais.

Segundo Freire (1983, p. 29), não existe educação sem amor. “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais ”

No ambiente familiar e escolar é comum deparamos com alunos que demonstram insatisfação e mal estar devido a sua vivência em ambientes

conflituosos, a ausência de respeito, levando-os a desenvolver sentimentos e condutas que afetam a autoestima.

A autoestima é conceituada como “a postura que cada pessoa tem em relação a si mesma.” Strocchi (2003, p.15), e é compreendida nos aspectos:

- a) cognitivo: com relação à autorrealização (opiniões de si mesmo, suas emoções, vida afetiva e social);
- b) emotivo: seus sentimentos em relação ao afeto (indiferença, hostilidade);
- c) comportamental: modo como o sujeito se comporta diante de si mesmo (autor-respeito);

Reforçando este pensamento, de acordo com Claret, (1995, p. 26) a autoestima é definida:

Como a confiança que o indivíduo tem em sua capacidade de pensar e de enfrentar desafios. É a confiança na qualificação para expressar suas necessidades e desejos, de desfrutar dos resultados de seus esforços, e de se ver como merecedor e digno de felicidade. Com base nessa definição fica claro que a autoestima tem valor de sobrevivência, visto que, é uma poderosa necessidade humana, que contribui, essencialmente, para o processo vital. Uma autoestima negativa interdita o crescimento psicológico, enquanto que a autoestima positiva oferece força, existência e capacidade de regeneração.

Assim, a família deve refletir sobre as boas ações dos filhos e ao descobrir essas atitudes, estar atento para elogiá-lo em sua ação positiva, estabelecendo ainda mais o laço de afetividade entre pais e filhos. E também, escutar seu filho, interessando-se pela história e acontecimento narrado pela criança, para que se sinta parte integrante do grupo e perceber que suas opiniões, suas histórias e seus comentários são levados em consideração por seus pais. Esse encontro estabelece o sentimento de confiança e segurança na criança, refletindo na mais tarde no ambiente escolar.

Relação do Afeto no Ambiente Escolar

A escola tem objetivos e metas como toda instituição social, ela emprega e reelabora os conhecimentos socialmente produzidos, com o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores:

memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, dentre outras (OLIVEIRA, 2000, p. 62). Ela é um espaço em que o indivíduo tende a funcionar de maneira preditiva, pois, em sala de aula, há momentos e atividades que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social. Em síntese, a escola é uma instituição em que se priorizam as atividades educativas formais, sendo identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e o currículo, no seu sentido mais amplo, deve envolver todas as experiências realizadas nesse contexto. Isto significa considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos.

Especificamente, abordando os anos iniciais do ensino fundamental e de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDB) Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. (BRASIL, 1996). Segundo o seu Capítulo II, artigo 29, a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos, físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996). Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), a educação infantil deve ser organizada para atender aos seguintes objetivos:

a) desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, confiante em sua capacidade e percepção de suas limitações;

b) descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidados com a própria saúde e bem-estar;

c) estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;

d) estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com

os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;

e) observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;

f) brincar expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades; utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;

g) conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998, p. 63).

É primordial que a criança sentir-se segura e confiante, são aspectos fundamentais que a possibilite explorar o ambiente; por sua vez, a exploração é essencial para o desenvolvimento como um todo. De acordo com Rodrigues (2001, p. 52), a relação afetiva ou relação de apego, como se pode chamar também, vai sendo edificada desde a primeira infância e vai sendo elaborada durante toda a vida. A autora ressalta, ainda, sobre a necessidade de estarmos atentos para a construção dos vínculos afetivos das crianças, dos educadores e das famílias, principalmente durante o período de adaptação na instituição.

Buscando como eixo do trabalho a afetividade como forma peculiar de interação, comunicação infantil, de criação de vínculo, da inter-relação como suporte afetivo do conhecimento, vale ressaltar uma plenitude de significados e valores confrontados a cada dia nas situações, dentro de uma atmosfera afetiva de estabelecimento de relações diversificadas, na qual a aceitação de cada singularidade seja objeto de atenção.

Pode-se, portanto dizer que o educador serve de continente para a criança, sendo o espaço onde são depositadas as pequenas construções e onde elas são valorizadas e acolhidas como num seio materno. O papel do educador é

diferenciado, ele prepara o microuniverso onde as crianças buscam, estabelecem vínculos construindo um conhecimento progressivo e envolvente.

É importante, nesta relação observar, na escola, a metodologia usada, o uso de sanções, castigos ou prêmios e a coerência entre o ensino proposto, relações interpessoais e a etapa de desenvolvimento da criança do ensino fundamental. Outro aspecto de análise importante é o vínculo do professor com a aprendizagem e seu prazer de ensinar.

Ressaltando o valor do aspecto afetivo como um elemento que deve ser considerado no processo de aprendizagem, citamos Marchand (1985, p. 19), afirma:

[...] que na prática pedagógica, podem surgir entre professor e aluno, sentimentos de atração ou de repulsão. Essas atitudes sentimentais têm o poder de influenciar a metodologia com risco de alterá-la, provocando no aluno, rudes transformações afetivas mais ou menos favoráveis ao ensino.

Dentro desta perspectiva, o objetivo do trabalho do educador é a aprendizagem do aluno, portanto, é a afetividade o grande estimulante na construção do conhecimento. Quando o educador se dispõe a ensinar o educando a aprender, vai se construindo uma corrente de elos afetivos que propicia uma troca entre ambos, onde a motivação, a vontade e o cumprimento dos deveres acabam deixando de serem tarefas árduas para o aluno, a criatividade, o interesse e a disposição para o esclarecimento das dúvidas, funcionam como estímulo para o professor.

Desta forma, cabe à escola conhecer o modelo de aprendizagem de cada aluno para poder ampliá-lo ou reformulá-lo. A partir de análise dos aspectos orgânicos, cognitivos, afetivos e sociais a escola passa a ter condições de identificar como o educando pode aprender e como realmente aprende, que recursos mobiliza, o que já conhece e como se utiliza do que conhece, quais são seus interesses e motivações.

Para Weiss (1992, p. 9), os aspectos emocionais estão ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar que remete aos aspectos inconscientes envolvidos no ato de aprender.

Entretanto, o educador tem papel fundamental no desenvolvimento do educando. Tratar o aluno com afeto não significa somente atitudes de carícias, mas,

ter um olhar atento e acolhedor, muitas vezes, ele é a única pessoa que pode reconhecer esse aluno como um ser dotado de sonhos, desejos, e muita vontade e mudar a história de sua existência.

Na sala de aula onde a afetividade é levada a sério, provavelmente formará indivíduos com condições para lidar com seus sentimentos o que contribuirá para a construção de cidadãos menos agressivos e autoritários. Este papel do educador é tão importante que colocamos aqui uma citação de Chalita (2004, p. 165) que afirma que “Jesus Cristo, o maior de todos os mestres da humanidade, contava histórias, parábolas e reunia multidões ao seu redor, fazendo uso da pedagogia do amor.”

A Importância do Psicopedagogo na Construção do Afeto

A psicopedagogia tem como objetivo compreender a situação de aprendizagem do sujeito, individualmente ou em grupo, dentro do seu próprio contexto. A metodologia de trabalho, ou seja, a abordagem e o tratamento vão acontecendo em cada caso à medida que a problemática aparece. Cada situação é única e requer do profissional atitude específica em relação à queixa apresentada pela escola e a família.

Segundo O Código de Ética da ABPp “a psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana; seus padrões normais e patológicos, considerando a influencia do meio – família, escola e sociedade – no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da Psicopedagogia”. (ABPp, 1995)

No seu artigo 5º destaca que o trabalho psicopedagógico tem como objetivo: “(i) promover a aprendizagem, garantindo o bem estar das pessoas em atendimento profissional, devendo valer-se dos recursos disponíveis, incluindo a relação interprofissional; (ii) realizar pesquisas científicas no campo da psicopedagogia.”

(ABPp, 1995)

Dessa forma o trabalho do psicopedagógico deve ser pensado a partir da instituição escolar, a qual tem como objetivo a função social: a de socializar os conhecimentos disponíveis, promover o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras de conduta. A escola, afinal, é responsável por grande parte da aprendizagem do ser humano.

Assim, a psicopedagogia tem atuação tanto na instituição quanto na clínica. A psicopedagogia institucional tem como atuação na construção do conhecimento do sujeito, que neste momento é a instituição com sua filosofia, valores e ideologia. E na clínica seu objetivo principal a investigação da etiologia e a intervenção nas dificuldades de aprendizagem em crianças adolescente e adulta, buscando a compreensão do processo de aprendizagem a partir do contexto desse sujeito. É necessário que a intervenção psicopedagógica clínica preocupe-se tanto com a identidade do sujeito com o conhecimento como também o desenvolvimento das estruturas cognitivas.

Como podemos ver a psicopedagogia é um campo de ação profissional, tem o seu lugar na instituição e na clínica. Cada um desses espaços implica uma metodologia específica de trabalho, que possui a validade de estar em movimento crescente de sistematização teórica organizada, adquirindo cada vez mais cientificidade, fazendo-se desta forma, como ciência capaz de contribuir para a evolução humana de maneira comprometida com a prática pedagógica presente na realidade escolar. Para Vissca apud Beauclair (2009 p. 33) “[...] a psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender as crianças com dificuldades na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e psicologia.”

Assim, podemos afirmar que os problemas surgidos no processo da aprendizagem, fizeram com que a ação do profissional do psicopedagogo pudesse ser visto para a prevenção e a intervenção terapêutica. A Psicopedagogia é um auxílio ao entendimento dos problemas de aprendizagem quando atua nos movimentos de constituição do desejo nos sujeitos aprendentes e ensinantes.

Na realidade, a Psicopedagogia é uma área do conhecimento que integra conhecimentos e princípios de diferentes Ciências Humanas, com o objetivo na compreensão sobre os variados processos inerentes ao aprender humano. Reforçando a ideia, citamos Neves, (1991, p. 12):

[...] a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.

Podemos afirmar que a Psicopedagogia posiciona-se forma preventiva e terapêutica para a compreensão dos processos do desenvolvimento e das aprendizagens humanas, recorrendo há várias áreas e estratégias pedagógicas, tendo como meta os processos de transmissão e apropriação dos conhecimentos, principalmente quando surgem dificuldades ou transtornos.

Assim, o Psicopedagogo no campo de atuação ao se preocupar com o desenvolvimento dos sujeitos estuda as causas do não aprender, atuando com diagnósticos e tratamentos para aqueles que apresentam dificuldades no que concerne ao ato humano de aprender.

Piaget considera que na conduta humana estão presentes tanto os aspectos cognitivos como os aspectos afetivos, considerando a afetividade como a energia da ação. Para Piaget (1994, p. 188):

À afetividade caberia então o papel de uma fonte de energia da qual dependeria o funcionamento da inteligência, porém não suas estruturas, da mesma forma que o funcionamento de um automóvel depende da gasolina, que aciona o motor, porém não modifica a estrutura da máquina.

É neste processo, que o indivíduo manifesta vínculo com a aprendizagem: os dados do inconsciente e os problemas edípicos só interessam ao psicopedagogo no quadro preciso do sintoma de não aprender. Da mesma forma, este profissional não trabalha específica e unicamente com conteúdos escolares formais, mas, antes com situações cognitivas, com o próprio processo de pensamento e de solução de problemas. Procura-se, antes de toda a avaliação psicopedagógica o resgate do prazer de aprender, não para a escola, para a família, mas para a vida; o sintoma como manifestação de um distúrbio mais profundo, e, atuando de forma assintomática, busca-se resgatar o sensório-motor, as diferentes formas de representação nas suas múltiplas inter-relações e toda a dinâmica familiar.

Entretanto, a criança ingressa na escola com um desenvolvimento construído a partir do seu meio familiar e social, o qual pode ter funcionado tanto como facilitador quanto inibidor no processo de desenvolvimento afetivo-intelectual. Para acontecer o trabalho psicopedagógico, este necessita estabelecer um vínculo com seu paciente, desse fator afetivo, estabelece-se significados para a construção do processo cognitivo. Essas emoções, sentimentos, dores, prazer, satisfação, angustias, enfim, aquilo que a criança manifesta na sua relação com o outro, na

relação familiar, na escola. Em seus eventuais bloqueios, a afetividade pode operar de forma a impedir a aprendizagem.

Assim, podemos afirmar que a criança não escolhe ir para a escola e o que vai aprender. A instituição escolar tem a função de preparar seu aluno para ingressar na sociedade, promovendo as aprendizagens desse indivíduo para o grupo social ao qual esse sujeito pertence, respeitando sua individualidade e o processo ensino-aprendizagem. E nesse sentido, segundo Beauclair, (2009, p. 51) coloca em toda sua obra, que é preciso, no campo psicopedagógico, sempre incorporar novos saberes e conhecimentos sobre a inteligência, o desejo e o organismo pelo fato de que estes são os principais níveis imbricados no ato humano de aprender: cada sujeito, em seus processos de aprendizagens, possui sua própria modalidade de aprendizagem, o que quer dizer que cada um, em sua individualidade, possui suas próprias condições, seus limites e meios para acessar conhecimentos e construir saberes.

Nesta perspectiva, pensar a escola à luz da psicopedagogia implica na formação do professor. Dentro da psicopedagogia é uma das tarefas mais importantes na ação psicopedagógica preventiva, essa formação deve oferecer novas propostas de aperfeiçoamento pedagógico, para que o educador tenha conhecimento do que pode desencadear, em determinados educandos, certas atitudes que interferem na construção do conhecimento.

Trabalhar com crianças que nos apresentam alguma dificuldade requer muita afetividade, perspicácia, alegria, calma e paciência, tudo isso exige do educador uma postura, uma atitude que vem de dentro da pessoa, no sentido psicanalítico, aceitação, firmeza, tentando ajudar a conduzir a criança, com participação ativa dos pais a ir vencendo pequenos obstáculos, dentro do processo de desenvolvimento, sempre através de tomadas de consciência de si mesma, do que faz de tudo e todos que estão à sua volta.

Considerações Finais

O trabalho da psicopedagogia tem grande importância para o desenvolvimento de uma educação significativa, implica atividades que tenham relevância para o aluno e para o educador. A construção deste artigo permitiu repensar as séries iniciais sob a ótica psicopedagógica e a influência da afetividade no processo ensino-aprendizagem no contexto escola, família e sociedade.

Podemos assegurar que a afetividade é um sentimento expresso de forma natural pelo ser humano. Os sentimentos, as emoções e os desejos correspondem à afetividade que dá sustentação às ações do sujeito. Sendo assim, a afetividade como energia pode acelerar ou retardar o desenvolvimento dos indivíduos, até interferir no funcionamento das estruturas de inteligência, mas jamais pode modificá-las, construí-las ou destruí-las. É entre os símbolos especialmente afetivos que se encontrarão as assimilações secundárias, já que todo pensamento supõe um interesse e um valor afetivo. O inconsciente, portanto existe tanto no inconsciente intelectual quanto afetivo.

O educador que trabalha nesta perspectiva psicopedagógica, estabelece uma impressão positiva nos educandos, criando assim, uma corrente de elos afetivos que propicia vínculos entre aluno e professor, onde a motivação, o interesse, a vontade está presente na aprendizagem significativa. O importante, no entanto, é transformar todas as aulas em aulas afetivas. Eis o grande desafio do professor. A habilidade emocional é um grande desafio para o educador contemporâneo. O aluno tem de ser amado, respeitado, valorizado. Toda criança tem vocação para brilhar, em áreas distintas, possui inteligência, potencial; se for orientada, acompanhado por educadores conscientes do seu papel.

Enfim, acredita-se que a relação professor/aluno se dá através da afetividade e é de suma importância no processo educativo. As práticas pedagógicas devem ser planejadas, refletidas, motivadas, tendo em vista o perfil do nosso aluno de hoje. Aconselhando que um professor afetivo age com a emoção e ensina com a razão.

Neste sentido, o professor que atua com uma postura psicopedagógica, pode auxiliar seu aluno a tomar a consciência de seus próprios bloqueios, seus medos, suas angústias, suas ansiedades, simplesmente entre o elo de afetividade estabelecido entre ambos.

Assim, a criança se desenvolve no espaço afetivo a partir das relações que estabelece com as pessoas que o cercam. Por isso, as experiências emocionais, merecem atenção especial. As emoções, portanto, encontram o corpo como veículo para se expressar. Nós respondemos ao mundo pela ação, pelos nossos movimentos, pelo potencial psicomotor. A motricidade, a afetividade e a inteligência estão ligadas.

E concluindo, podemos afirmar que quando educadores escolares fazem reflexão sobre sua prática de ensino, é possível analisar o porquê do aluno não conseguir aprender e conseguem detectar fatores que estão interferindo, negativamente, no processo de aprendizagem e que provocam o insucesso do aluno, da escola e da família do aluno. Para tanto, a escola precisa, recorrer aos psicopedagogos para juntos estruturarem ações, estratégias e intervenções psicopedagógicas que contribuam como solução para diminuir os problemas de aprendizagem, pois o aluno é sujeito de transformação e de aquisição de aprendizagens.

Referências

ALMEIDA, Gilson Pereira. **Limites e afetividade**. Canoas: ULBRA, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIAS. **Leis, Códigos e Diretrizes: Código de ética da Associação Brasileira Psicopedagogia – ABPp**. 1996. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/leis_regulamentacao_etica.htm>. Acesso em 10 abr. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa: dicionário eletrônico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. CD-ROOM

BEAUCLAIR, João. **Para entender psicopedagogia: perspectivas atuais, desafios futuros**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2004.

CLARET, Martin. **O poder da autoestima**. São Paulo: Martin Claret, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KREPPNER, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n.1, 2000.

MARCHAND, Marx. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.

NEVES, Maria Aparecida Mamede. Psicopedagogia um só termo e muitas significações. **Boletim de Associação de Psicopedagogia**, v. 10, n. 21, 1991.

OLIVEIRA, Z. M. R. Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócia histórica. **Caderno do CEDES**, 20, 2000.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

RODRIGUES, Marta A. M. Encontro e despedidas. In: FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (Org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2001.

STROCCHI, Maria Cristina. Trad. Francisco Morás. **Autoestima: se não amas a ti mesmo, quem te amará?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

WEISS, Maria Lucia. **Psicopedagogia clínica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.